

Volume 13 – Nº 1 – Janeiro / Abril de 2019

Estudos Juvenis em eLearning: Construção de um curso de aprofundamento científico e profissional

Cristina Pereira Vieira

Universidade Aberta (UAb); Centro Interdisciplinar em Estudos de Género (CIEG /ISCSP-UL)

cristina.vieira@uab.pt

Susana Henriques

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) / Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL); Universidade Aberta (UAb)

susana.henriques@uab.pt

Liana Abrão Romera

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória – ES – Brasil

liromera@uol.com.br

Resumo

Este artigo procura mostrar, passo a passo, o desenho de uma Pós-graduação em Estudos Juvenis, ministrada no contexto da Educação a Distância (EaD), com recurso a uma plataforma de eLearning, que tem como objetivo especializar públicos estratégicos, com formação superior, com responsabilidade nos domínios da juventude. A partir deste contexto, o quadro teórico mobilizado assenta na desconstrução de pressupostos relativos a um entendimento universal e uniforme da noção de juventude, pensada como uma unidade social. Neste sentido, procuramos abolir o mito de juventude pensada como uma categoria com condutas homogêneas e centramos toda a nossa sustentação teórica na ideia de juventude *socialmente manipulada e manipulável*. Ao longo do desenho da Pós-graduação em Estudos Juvenis apresentamos os princípios pedagógicos orientadores, procurando dar ênfase à perspetiva interdisciplinar e interdepartamental, envolvendo efetivamente áreas científicas e pedagógicas de dois departamentos da Universidade Aberta -

Departamento de Ciências Sociais e de Gestão e do Departamento de Educação e Ensino a Distância. Neste sentido, é dada especial importância à necessidade de especialização de públicos estratégicos, com formação superior e com responsabilidade nos domínios da juventude, encarando esta pós-graduação como um desafio de aproximação e de referência expressa à responsabilidade social da academia com a sociedade civil.

Palavras-chave: Jovens, Estudos Juvenis, Pós-graduação em eLearning, Curso científico-profissional.

Abstract

This paper shows, step by step, the design of a postgraduate course in Youth Studies, taught in the context of Distance Education, using an eLearning platform, aiming to specialize strategic publics, with degree, with responsibility in the youth field. From this context, the mobilized theoretical framework is based on the deconstruction of assumptions regarding a universal and uniform understanding of the notion of youth, thought as a social unit. In this sense, we seek to abolish the myth of youth conceived as a category with homogenous behaviours and focus all our theoretical support on the idea of youth socially manipulated and manipulable. Throughout the design of the Graduate Studies in Youth we present the guiding pedagogical principles, trying to emphasize the interdisciplinary and interdepartmental perspective, effectively involving scientific and pedagogical areas of two departments of the Portuguese Open University - Department of Social Sciences and Management (DCSG) and of the Department of Learning and Distance Education (DEED). In this sense, special emphasis is placed on the need for specialization of strategic audiences, with a degree and responsibility in the youth field, considering this post-graduation as a challenge to approach and express reference to the social responsibility of academia and civil society.

Key-words: Youth Studies, Postgraduate course in eLearning, Scientific-Professional Course

Introdução

Por forma a conceber e implementar uma Pós-graduação em Estudos Juvenis, pensada enquanto formação superior de públicos estratégicos, que tem como objetivo especializar um público-alvo na análise, compreensão e intervenção em os contextos juvenis, urge, num primeiro momento, desenvolver o questionamento do conceito de juventude, entendido enquanto categoria sociológica. Neste contexto, partimos da noção de juventude entendida como um grupo social dotado de uma unidade de representações e de atitudes, assente na uniformidade de discursos, a partir da idade (BOURDIEU, 2002; GALLAND, 1991; PAIS, 1993). Procuramos desta forma desconstruir a ideia de juventude subjacente uma certa organização social, que lhe confere um conjunto de características homogêneas e uma unidade de interesses e de problemáticas comuns – com origem na idade e em critérios juridicamente constituídos e que determina a participação em diferentes sistemas (escolar, saúde, proteção social, mercado de trabalho, etc.). Paralelamente, e porque se trata de uma pós-graduação em estudos juvenis, pensada para ser ministrada no contexto da Educação a Distância (EaD), com recurso a uma plataforma de elearning, apresentamos os princípios pelos quais nos orientamos para o desenho pedagógico que norteia a implementação deste curso de formação pós-graduada. Neste contexto, procuramos dar ênfase à coordenação do curso e mostrar como uma estrutura de natureza formal e administrativa, pode traduzir uma perspectiva interdisciplinar, dado que neste curso a coordenação, assumida em regime de coordenação, assegura desde o primeiro momento um comprometimento e envolvimento pleno de dois departamentos (no caso concreto, Departamento de Ciências Sociais e Gestão e Departamento de Educação e Ensino a Distância). Assim sendo, neste artigo é por nós refletida a intenção expressa da responsabilidade social e do compromisso da academia, e em particular da

Universidade Aberta, com a sociedade civil, a partir da possibilidade de atualização de diferentes profissionais licenciadas/os, de diferentes áreas do conhecimento e de intervenção, com responsabilidade nos domínios da juventude – o que desde logo implica construir um olhar crítico sobre a noção de juventude e ou juvenil.

Pensar a noção de juventude

Quando pensamos na construção de uma Pós-graduação em estudos juvenis, assente na noção de juventude/juvenil, urge desde logo desconstruir todos os pressupostos relativos a um entendimento universal e uniforme. Assim, e quando percebemos a noção de juventude pronunciada como uma unidade social, constituída por interesses comuns e demarcada com limites em função da categorização da idade, não estamos senão a percebê-la como um objeto de manipulação, construído socialmente. No mesmo sentido, se nos detivermos na noção de idade, percebemos de imediato que esta assenta em critérios de medida abstrata, produzida com base em necessidades administrativas, e que por isso mesmo estabelece princípios artificiais e arbitrários. Assim, podemos desde logo perceber que existe nesta conceção pressupostos relativos, reforçando o sentido não universal e heterogéneo (Lenoir, 1998). Ou seja, o que percebemos é que intrínseca à idade cronológica e às diferentes divisões sociais estão noções sociais. Esta construção social determina que a composição da população e as diferentes faixas etárias assumam mais ou menos importância, de acordo com as épocas, os costumes e as instituições. É nesse sentido, que é possível afirmar que a idade (aqui balizada pelas fronteiras da noção de juventude), entendida enquanto dado cronológico, aparentemente objetivo e contínuo, é um dado *biológico socialmente manipulado e manipulável* (BOURDIEU, 1980; BOURDIEU, 2002; CRUZ, 1984).

[...] suivant l'époque, les coutumes, les institutions, la composition même de la population, on attache plus ou moins d'importance à ce caractère, et la jeunesse, l'âge adulte, la vieillesse sont définies par l'opinion de façon très différente. (HALBWACHS, 1972, p.334).

Sobre juventude, Debert (1999) destaca a presença de três categorias: *idade cronológica*, *níveis de maturidade* e *idade geracional*. Se nos pautarmos somente pelo critério cronológico, como marcador da juventude, estamos necessariamente a considerar apenas uma dimensão de entendimento insuficiente para delimitar esta etapa da vida. Assim sendo, realçamos que há outros fatores, igualmente necessários e que se encontram entrelaçados, entre outros, destacamos fatores gênero, económicos, familiares, que exercem as suas influências diretas e indiretas na vida do ser humano, e às quais os jovens não são exceção. Quando pensamos nos critérios que balizam os limites de juventude, entre as margens da imaturidade (infância) e da maturidade (idade adulta), percebemos que eles dependem menos de marcos cronológicos ou biológicos do que da própria produção social que lhes confere sentido. As categorias nominais atribuídas às diferentes faixas etárias, por exemplo, “infância”; “jovens”; “adolescentes”; “jovens adultos”..., não estão dissociadas de uma manipulação, mais ou menos latente (BOURDIEU, 2002). É nessa manipulação que se redefinem os poderes inerentes aos diversos momentos do ciclo de vida, em que cada um reclama o seu lugar na teia de relações de força. O que nos deixa perceber que as relações objetivas são determinadas por um conjunto de significados pré-construídos e de relações de poder que dominam o sistema de entendimento das estruturas sociais e das estruturas mentais (BOURDIEU, 1980). Por exemplo, na atual economia de mercado, considera-se que são os trabalhadores mais jovens que devem dinamizar o mundo de negócios e do conhecimento – situação vivida de forma contrária nos tempos pré-modernos.

Ainda que procuremos abolir o mito de juventude pensada como uma categoria, com condutas homogêneas, centradas em dados indiscutíveis que refletem representações, ou seja, um conjunto de *doxas dominantes* (PAIS, 1990; 1993), centramo-nos no referido por Pais (1993), a partir da *doxa dominante de juventude* como problema social. Nomeadamente, concentrando-nos em algumas situações reconhecidas como específicas dos jovens, entre outros, com destaque para os problemas de inserção profissional, de falta de participação; de

comportamento de risco, de delinquência, insucesso e de relacionamento com os pais e as mães. Na investigação sobre práticas culturais no domínio do lazer, o autor verifica que existe uma diversidade de situações sociais que torna a aparente unidade da juventude numa clara condição heterogénea, com uma pluralidade e diversidade de situações, ancoradas a normas próprias em resultado das diversas práticas quotidianas.

Nesta fase da vida, conseguimos perceber que ela surge simultaneamente representada na sociedade por duas compreensões antagónicas, por um lado, com lentes de extremo otimismo, marcado por uma visão romântica, e por outro, com lentes de visível pessimismo, dando oportunidade ao fortalecimento de estigmas. Ou seja, ela é compreendida pela sociedade como a fase do desenvolvimento humano assente num período de total alegria e despreocupação frente as obrigações da vida adulta, marcada por comportamentos hedonistas assinalados por festas, encontros, passeios e namoros. Ou, num sentido oposto, uma fase em que se vivenciam períodos controversos, com propensões a se envolverem, entre outras, em situações de conflito, drogas, violência e vandalismos. Estas duas formas distintas de compreensão, em oposição, são veiculadas e fortalecidas no espaço público, pela comunicação social, que, tem vindo a explorar a imagem de juventude, a partir de uma abordagem assente em interesses imediatos de consumo. Esta a imagem de juventude, que se vê representada em séries, filmes, novelas, video-clips e em tantos outros produtos internacionais. Há como que uma visão romântica dos *mass-media*, tal como refere Margulis (2001), quando revela que:

[...] a imagem do jovem legítimo que a *mass-media* tem imposto como portadora dos símbolos da juventude: bela, alegre, despreocupada, desportiva e saudável, vestindo as roupas da moda e vivendo romances e aventuras amorosas, alheia à falta de dinheiro, ao rigor cotidiano do trabalho ou às exigências do lar. (MARGULIS, 2001, p.44).

Contudo, *socialmente manipulado e manipulável* a noção de juventude não poderá estar ancorada a um todo homogéneo e coeso, oriunda das correntes “geracional” e “classista”. Tal como refere Vilaverde Cabral (2013), do ponto de vista

teórico, histórico e empírico a noção de geração (ou gerações), ainda que de interesse para se referir de forma sintética a determinados grupos, não poderá ser assumida como uma individualidade, nem tão pouco dotada de um perfil sociológico definitivo e determinante. Tal como já referimos, o risco de se acentuar uma dimensão associada a um entendimento geracional de juventude, com interpretações coletivas, surge associado a possíveis ocultações de outras dimensões igualmente operativas, tais como género, saúde e bem-estar, estilos de vida, interculturalidade, qualificação e emprego, saúde e estilos de vida... Deste modo, foi nosso entendimento, contruir uma Pós-graduação que refletisse um sentido plural associado à noção de juventude, sem destacar uma ideia de jovem com um “destino comum”, ainda que subjaza a dualidade de juventude como um conjunto social, cuja principal qualidade é a de ser estabelecida por indivíduos inscritos numa determinada “fase da vida” (e que por isso mesmo torna evidente aspetos mais uniformes e homogêneos) e como um conjunto social diversificado e plural (que pouco têm em comum pertencerem a grupos sociais, ideológicos e profissionais diferentes) (PAIS, 1990).

Assim, Vilaverde Cabral (2013) refere, de forma abrangente, a noção de “efeitos geracionais”, remetendo para a atual possibilidade de se pensar a partir de um conjunto de fenómenos que se manifestam num determinado espaço e tempo, com o ónus de apreciarmos todas as propriedades (quer se distanciem, quer se aproximem) inerentes à dinâmica social, *sujeita* a lógicas e variações descontínuas. Neste sentido, pensar o conceito de juventude e uma Pós-graduação em estudos juvenis, implica desde logo assumir um compromisso plural, com um entendimento que não poderá assentar em pressupostos imediatamente inteligíveis, mas antes incrustados na complexa realidade social e cultural, com valores e costumes simbólicos (LEVI & SCHMITT, 1996a; LEVI & SCHMITT, 1996b).

C'est dans ces regards croisés, où se mêlent l'attrance et l'effroi, que les sociétés «construisent» toujours la jeunesse non pas comme un fait démographique ou juridique figé, mais comme un fait social instable. Et, mieux encore, non pas comme un fait social immédiatement observable,

mais comme une réalité culturelle lourde d'une foule de valeurs et d'usages symboliques. (LEVI & SCHMITT, 1996^a, p. 8).

Assim sendo, os estudos juvenis têm tido uma atenção crescente por parte das diversas áreas científicas – sociologia, por exemplo, Frith (1984), Ferreira (2017); antropologia, por exemplo, Amit (2001), Bucholtz (2002); psicologia, por exemplo, Durkin (1995), Szapiro & Resende (2010). Este interesse surge frequentemente associado ao facto de, quer a juventude, quer as culturas juvenis, serem recorrentemente observadas como especialmente problemáticas. Tal observação decorre de diversos fatores. Desde logo, a sua transitoriedade expressa na passagem entre as funções sociais da infância e as funções sociais da vida adulta e na confirmação do sentido das suas ações no presente – formação, desenvolvimento de competências e capacidades... - enquanto preparatórias de um futuro em devir (Lara, 2008). Daqui resulta uma fase crítica, com momentos de crise, de conflitos com a personalidade e a autoestima e com a autoridade familiar. Outro dos fatores relevantes prende-se com uma certa visão romântica da juventude favorecendo o (ao mesmo tempo que também é influenciada pelo) desenvolvimento da indústria cultural e do mercado de consumo voltado especificamente para este segmento. Encontramos ilustrações na moda, em locais de lazer e diversão, em músicas, em revistas especializadas, etc. (Idem).

Nessa visão a juventude é reduzida a um tempo de liberdade, de prazer e de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (LARA, 2008, p. 219).

Tal como já fomos referindo ao longo deste artigo, a definição de juventude, influenciada por todo um conjunto de fatores históricos, sociais, culturais, políticos, económicos... (LEVI & SCHMITT, 1996), não é fácil. Situação que nos remete para o comprometimento com uma permanente perspetiva interdisciplinar - pensada ao longo de todo o desenho da estrutura desta formação pós-graduada. Paralelamente, torna-se pertinente enquadrar toda a Pós-graduação em estudos Juvenis no

contexto da Educação a Distância (EaD), dado que a esboçamos para ser ministrada com recurso a uma plataforma de elearning.

Pós-graduação em Estudos juvenis - Ensinar em aprender em ambientes virtuais

Sendo esta Pós-graduação em estudos Juvenis delineada para ser ministrada em ambientes de EaD e eLearning, tivemos em atenção um conjunto de características próprias destes ambientes, tais como a distância física entre os intervenientes, o maior respeito pelo ritmo de aprendizagem, independência relativa de tempo e espaço, mediação tecnológica e a maior flexibilidade e autonomia (RAMOS, 2005). Nestes cenários, existe um estímulo de trocas, partilhas e colaborações, recorrendo a metodologias motivadoras e flexíveis onde se integrem diferentes recursos didáticos, conteúdos dinâmicos e interativos, onde se diversifiquem os canais de comunicação e as formas de trabalhar e onde estes disponham de margem para escolherem os itinerários, atividades e formas que estejam mais de acordo com o seu estilo de aprendizagem (GOULÃO, 2005). Procura-se, assim, uma maior personalização do processo de ensino-aprendizagem. Sendo a Universidade Aberta é a única instituição de ensino superior público em Portugal, cuja oferta formativa é totalmente online, as atividades de ensino-aprendizagem são realizadas em regime de ensino a distância, em ambiente completamente virtual com recurso a uma plataforma de elearning customizada. Desta forma, toda a oferta formativa é orientada por um Modelo Pedagógico Virtual[®], especificamente pensado para cursos do 2º ciclo e cujas diretrizes são seguidas pelas ofertas de cursos Pós-graduados. Especificamente desenvolvido, e internacionalmente validado, este modelo orienta-se pelos seguintes princípios:

- Ensino centrado no estudante, que é ativo e responsável no processo de construção do conhecimento;
- Ensino baseado na flexibilidade de acesso à aprendizagem (conteúdos e atividades), o que significa a ausência de imperativos temporais ou espaciais.

Este princípio concretiza-se na primazia da comunicação assíncrona, o que permite a não-coincidência de espaço e não-coincidência de tempo, já que a comunicação e a interação se processam à medida que é conveniente para o estudante, possibilitando-lhe tempo para ler, processar a informação, refletir, dialogar e interagir;

- Ensino baseado na interação diversificada quer entre estudante-docente quer entre estudante-estudante, quer ainda entre o estudante e os recursos. Este princípio concretiza-se em dispositivos de comunicação variados que o docente planeia e concebe de acordo com a sua estratégia pedagógica;
- Ensino promotor de inclusão digital, entendida como a facilitação da utilização das Tecnologias de Informação e da Comunicação, como também o desenvolvimento de competências para a análise e produção de informação digital.

Estes princípios são implementados com recurso a dois elementos fundamentais no processo de aprendizagem:

- O Contrato de Aprendizagem no qual o/a professor(a) de cada unidade curricular propõe à turma um plano de trabalho, no qual está definido um percurso de atividades para o semestre letivo, apoiando-se na autoaprendizagem e na aprendizagem colaborativa entre estudantes. Com base nos materiais de aprendizagem disponibilizados ou indicados na bibliografia, o/a professor(a) da unidade curricular organiza e delimita os períodos de autoaprendizagem e reflexão individual, os quais são seguidos pela realização de atividades e períodos de interação diversificada na turma virtual. Este plano assume a forma de um contrato, na medida em que é previamente discutido entre todos, professor e estudantes, (donde podem resultar alguns ajustes) e aceite / aprovado, individualmente, pelos estudantes.
- A Classe Virtual, ou turma virtual, que estudante integra e onde têm acesso as/os professoras/es do curso e as/os restantes estudantes. As atividades de

aprendizagem ocorrem neste espaço e são realizadas online, agregando uma série de recursos, distribuídos por diversos momentos de trabalho coletivo e pela interação entre professor(a)-estudante e estudante-estudante. A comunicação é essencialmente assíncrona e, por isso, baseada na escrita. No processo de aprendizagem, e quando se justifique, podem ainda ser utilizados instrumentos de comunicação síncrona, como a videoconferência, com recurso à plataforma Colibri.

Estando a pós-graduação em Estudos Juvenis orientada pelo Modelo Pedagógico Virtual[®] da Universidade Aberta, o primeiro semestre é antecedido por um módulo de Ambientação Online, com a duração de uma semana. O objetivo deste módulo inicial passa por permitir que as/os estudantes se familiarizem com o ambiente de trabalho da plataforma *Moodle* da UAb e adquiram competências fundamentais de comunicação online e competências sociais necessárias à construção de uma comunidade de aprendizagem virtual. Todas as informações de carácter pedagógico, administrativo e formal encontram-se reunidas no Guia de Curso¹. Trata-se de um documento essencial à compreensão de qualquer oferta formativa formal da Universidade Aberta.

Estrutura da Pós-Graduação Estudos Juvenis

A pós-graduação em *Estudos Juvenis* em oferta na Universidade Aberta (UAb) visa preencher uma lacuna em termos de oferta de formação especializada e superior de públicos estratégicos. Esta é uma área de estudo, de investigação e de intervenção que, apesar de fazer parte do âmbito académico e de investigação, em diferentes instituições de ensino superior, não tem sido desenvolvida ao nível de oferta de formação. Esta situação contrasta com o elevado número de pós-graduações e

¹ O Guia de Curso da Pós-Graduação em Estudos Juvenis pode ser consultado em <http://portal.uab.pt/alv/wp-content/uploads/sites/9/2018/05/PG-EJ-Guia-Curso-201819-23052018.pdf>

mestrados nesta área específica e em áreas similares no espaço europeu. Neste sentido, esta pós-graduação procura edificar uma formação conceptual, com uma componente de ponderação sobre a prática, destinada em grande medida a estimular abordagens reflexivas e críticas, voltadas para um público com atividade profissional no terreno.

Os objetivos principais desta Pós-Graduação são seguidamente apresentados:

- Conhecer teorias que sustentam as temáticas de ‘estudos juvenis’.
- Analisar e compreender os contextos juvenis, nomeadamente numa perspetiva sociológica, educacional, psicológica, de Serviço Social e de Política Social.
- Construir um olhar crítico sobre a juventude enquanto noção socialmente construída através dos discursos de senso comum, mediático e político;
- Esboçar, incrementar e aperfeiçoar projetos de investigação-ação, aplicando os conhecimentos adquiridos a contextos juvenis diversificados.

Com base nos objetivos anteriormente apresentados pretende-se que, no final do curso de pós-graduação em estudos juvenis a/o estudante revele as seguintes competências:

- Reflexão sobre diferentes teorias em estudos juvenis e sua aplicação em contextos reais de intervenção.
- Compreensão dos contextos juvenis, nomeadamente numa perspetiva sociológica, educacional, psicológica, de Serviço Social e de Política Social.
- Construção de um olhar crítico sobre a juventude, enquanto noção socialmente construída e pensada a partir de um social plural.
- Diagnóstico e intervenção em situações de risco, desvio e exclusão social em contextos juvenis.
- Problematização e atuação sobre aspetos relacionados com o papel dos media e das TIC no desenvolvimento dos jovens e nos seus processos de socialização.

- Elaboração, programação, execução de projetos de intervenção educacional com públicos juvenis, em equipes interdisciplinares.

O curso de pós-graduação em estudos juvenis destina-se prioritariamente a todas pessoas que têm por objetivo aprofundar o seu conhecimento sobre aspectos relacionados com as culturas juvenis bem como melhorar a sua capacidade de intervenção neste domínio. Neste sentido, consideram-se como destinatários privilegiados os seguintes públicos:

- 1 Todas as pessoas que têm atividades em setores ligados à Juventude, à Cultura, à Intervenção Social e Comunitária, tanto na Administração Central, como na Regional e Local, bem como em organizações que exijam uma formação de base sobre as problemáticas relacionadas com a juventude, incidindo sobre teorias, políticas, contextos e modos de intervenção.
- 2 Docentes dos vários níveis de ensino e investigadores com interesse nos domínios da Juventude e da Intervenção Social.

Estrutura pedagógica

Cabe agora esclarecer o desenho pedagógico que orienta o desenvolvimento deste curso de formação pós-graduada em estudos juvenis. Em termos analíticos, o curso organiza-se em torno de cinco domínios científicos, designadamente, Sociologia, Educação, Política Social, Serviço Social e Psicologia. Pretendemos, pois, convocar os contributos deste património científico para uma formação de base teórica sobre juventude numa perspetiva interdisciplinar, apresentando ainda contributos para a investigação e a intervenção nos diferentes domínios juvenis. Assim sendo, atravessamos diferentes áreas temáticas, nomeadamente: a juventude e as suas características enquanto grupo sócio etário, as competências técnicas e vocacionais para o mercado de trabalho jovem; as vivências da sexualidade juvenil, contextualizada pela construção da identidade sexual e de género; a Educação e promoção para a saúde nas e nos jovens; a intervenção social em contextos juvenis diversificados, potenciando a emergência de respostas criativas e reflexivas face a

cenários de vulnerabilidade; as e os jovens migrantes e descendentes de migrantes, enquadrado no contexto da interculturalidade e transnacionalismo; os contextos educativos e as Tecnologias da Informação e da Comunicação e os processos de desenvolvimento juvenil na sua relação com o papel da sociedade na educação.

As temáticas abordadas permitem alargar e consolidar perspetivas sobre as e os jovens, enquanto grupo social, explorando elementos que poderão possibilitar uma intervenção mais sólida no terreno. Tendo presente o contexto e as características demográficas, sociais e económicas da sociedade portuguesa contemporânea, bem como os complexos desafios com que se deparam as gerações mais jovens, consideramos que estas temáticas são pertinentes e encerram um elevado potencial de crescimento pela sua adequação à oferta e procura sociais.

A linha orientadora deste curso de pós-graduação traduz-se na estruturação do seu plano de estudos e na organização das unidades curriculares que o compõem, obedecendo aos seguintes pressupostos:

- (i) Relação com os contextos contemporâneos, assumindo que o presente mundo global oferece um contexto sociocultural muito particular, marcado por fenómenos de forte mobilidade e multiculturalidade, facto que influi decisivamente na configuração das diversas culturas juvenis.
- (ii) Embora focado no contexto português, procurar-se-á desenvolver uma linha de estudo que tenha em atenção a relação entre o local e o global.
- (iii) Aquisição de conhecimentos teórico-práticos, com particular incidência no património teórico existente, mas igualmente a aquisição de competências no âmbito da investigação socioeducativa e da intervenção social, transferindo e ampliando os conhecimentos adquiridos a um contexto real.

A partir daqui foi elaborada a estrutura que se apresenta esquematicamente na figura seguinte.



Figura 1. Plano de estudos do curso de Pós-Graduação em Estudos Juvenis

Importa agora explicitar genericamente a orientação científica desenvolvida por cada uma das unidades curriculares que compõem o plano de estudos.

A *Sociologia da Juventude* pretende, por um lado, definir o conceito de juventude por oposição às ideias mediatizadas e de senso-comum que impendem sobre esta categoria etária; por outro lado, abordar diferentes objetos de estudo, paradigmas e correntes de investigação. Esta aproximação à sociologia da juventude visa, pois, estimular uma abordagem crítica e conceptualmente apetrechada da parte do estudante à juventude enquanto categoria social no mundo contemporâneo.

Vivências da Sexualidade em Contextos Juvenis é uma Unidade Curricular onde são aprofundados e discutidos os temas relativos à construção da identidade,

provendo um conhecimento crítico e reflexivo sobre a identidade sexual e de gênero, como um processo multidimensional e complexo que conjuga aspetos políticos, culturais, sociais, psicológicos e biológicos. Neste contexto, são alvo de reflexão os papéis sociais de gênero e estereótipos, a violência de gênero e no namoro e o paradigma das desigualdades. Trata-se de discutir as relações de poder que se estabelecem socialmente, em torno das desigualdades estabelecidas a partir de concepções hegemônicas. Impõe-se, assim, uma abordagem conceptual de sexualidade que será pensada como um lugar de práticas, cujos significados são feitos por aqueles que nela participam.

A *Educação para a Saúde* visa o desenvolvimento de competências pessoais e sociais essenciais ao exercício de escolhas individuais, conscientes e responsáveis, bem como ao estímulo do espírito crítico para o exercício de uma cidadania ativa. O foco de atenção da agenda pública sobre as questões da promoção da saúde nos jovens tem vindo a ganhar relevância. Esta unidade curricular pretende abordar as principais linhas orientadoras das abordagens de promoção da saúde, numa perspetiva preventiva dos comportamentos aditivos e das dependências.

A unidade curricular *Intervenção Social com Jovens* pretende facultar um quadro teórico-prático de referência na intervenção social com jovens, em particular com jovens em situação de perigo. Visa, ainda, promover e consolidar competências analíticas, de planeamento e de intervenção social, potenciando a emergência de respostas criativas e reflexivas face a cenários de vulnerabilidade, exclusão e desigualdades sócio-económico-culturais. Tal abordagem pressupõe o conhecimento do dossiê das Políticas Sociais para a infância e juventude.

Migrações, Interculturalidade e Cidadania é uma unidade curricular centrada na análise das múltiplas dimensões dos percursos de integração e de cidadania de jovens migrantes e descendentes de migrantes, enquadrando esta problemática no contexto da investigação científica sobre migrações, interculturalidade e transnacionalismo. Dá-se particular atenção às estratégias de participação ativa

dos/as jovens migrantes ou descendentes, que emergem de processos de (re)construção identitária e expressão de sentimentos de pertença – sentem-se parte integrante da sociedade onde nasceram; ou a sua filiação étnica ao(s) país(es) e cultura(s) de origem pode desencadear formas de participação visando a preservação ou transmissão de traços identitários e culturais que valorizam a herança migratória familiar; ou, ainda, podem desenvolver laços com múltiplos espaços de identificação, estabelecendo redes e sentimentos de pertença transnacionais (emocionais, físicos, simbólicos, etc.). Neste quadro, procura-se fomentar a reflexão crítica sobre a intervenção política e social com vista à integração, participação e cidadania dos/as jovens migrantes ou descendentes, tendo como objetivo articular o conhecimento científico e práticas de intervenção em contextos sociais diversificados.

A unidade curricular *Contextos Educativos e Tecnologias* pretende debater os seguintes aspetos: o papel dos diferentes cenários socializadores e em rede nos quais os jovens interagem; o papel dos cenários não formais, em particular os associados às tecnologias de informação e comunicação; a formação dos jovens numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida. Deste modo, o objetivo central é fornecer conhecimentos teóricos sobre o papel dos cenários educativos, formais e não formais e em rede para o desenvolvimento e a formação dos jovens face a os desafios locais e globais, relacionados com as tecnologias de informação e comunicação nas atuais sociedades em rede.

Na *Psicologia, Educação e Juventude* contextualiza-se o jovem do ponto de vista do desenvolvimento, os seus traços, os diferentes olhares sobre a juventude, pela sociedade em geral, e em particular pelos próprios. Partiremos do princípio que cada jovem é único, explorando as vertentes das suas trajetórias. Num outro momento aborda-se o papel da educação neste universo – da educação formal, à educação num sentido mais abrangente, a formação ao longo da vida e o papel do aprender a aprender. Finalmente, reflete-se sobre as implicações de uma sociedade

imediatista no autocontrole dos jovens, na sua autorregulação e, no controlo de uma gratificação imediata para uma gratificação adiada.

O *Projeto de Intervenção com Jovens* trabalha competências metodológicas de atuação no terreno. Para tal, os/as estudantes são munidos com ferramentas e conceitos inerentes à prática reflexiva, para de seguida apontarmos breves noções de Investigação-Ação, suportadas por autores de referência nesta área. Nesta unidade curricular definiu-se um percurso de forma faseada, para a conceção do projeto, assente na pesquisa individual e na partilha de ideias com colegas e docentes. Deste modo, os/as estudantes serão direcionados/as para análise, reflexão e debate críticos, em conformidade com a opção do seu objeto de intervenção devidamente enquadrado pelo contexto da ação.

Enquadramento do curso

O curso de pós-graduação em Estudos Juvenis recai no âmbito científico e pedagógico interdepartamental, designadamente do Departamento de Ciências Sociais e de Gestão (DCSG) e do Departamento de Educação e Ensino a Distância (DEED) da Universidade Aberta. Este aspeto aparentemente de natureza meramente formal e administrativa traduz na realidade a perspetiva interdisciplinar do curso de Pós-Graduação em Estudos Juvenis (como se pode verificar no plano de estudos esquematizado na figura 1). Nesta linha, a coordenação do curso é realizada em regime de cocoordenação, assegurada por uma equipa de dois docentes, um de cada um dos departamentos envolvidos. A esta cocoordenação cabe a responsabilidade de: Superintender aos processos de seleção de candidatas/os; Efetuar a articulação pedagógica entre toda a equipa docente do curso; Organizar e dinamizar um módulo de ambientação online para as/os estudantes admitidas/os; Organizar e dinamizar um espaço de coordenação do curso, virtual, destinado ao acompanhamento pedagógico dos estudantes ao longo do curso; Superintender à avaliação do curso, em articulação com a estrutura da universidade dedicada à avaliação da qualidade. As/Os docentes realizam reuniões

regulares para tratar de aspectos científico-pedagógicos e de autoavaliação dos resultados pedagógicos, tendo em vista um melhor aproveitamento dos recursos e metodologias utilizadas e os objetivos do curso. Para isso, dispõem de um espaço de comunicação assíncrona na plataforma de eLearning, gerido pela coordenação do curso, para informação e debate de ideias.

As/Os estudantes têm acesso a um espaço na plataforma, gerido pela coordenação do curso, para esclarecimento de dúvidas e resolução de problemas de âmbito científico e pedagógico e que podem utilizar para apresentar sugestões sobre o curso. As/Os estudantes participam ainda no processo de avaliação do curso através do preenchimento de inquéritos de satisfação sobre as unidades curriculares e o desempenho das/os docentes. Estes inquéritos estão enquadrados no processo geral interno de avaliação e de gestão da qualidade da Universidade Aberta.

Considerações finais

A juventude surge aqui representada como uma das fases que delimita o desenvolvimento humano, tal como a infância, adultez e a velhice – todas estas etapas marcadas por especificidades. Cada uma das fases traz associado um conjunto de elementos que lhe são próprios e desempenham um grau de importância na formação humana, carregando, portanto, as influências que irão interferir neste processo, com maior ou menor grau de intensidade. A partir destes pressupostos, faz-nos sentido oferecer uma Pós-graduação em Estudos Juvenis, pensada enquanto formação superior de públicos estratégicos, que tem como objetivo especializar um público alvo para a compreensão e intervenção em os contextos juvenis. Voltada para a temática das culturas juvenis, esta Pós-graduação representa, no presente, atender às necessidades de aprofundamento reflexivo, na compreensão e na atualização por parte de profissionais, de diferentes áreas do conhecimento e de intervenção, com responsabilidade nos domínios da juventude.

Discutir os ambientes juvenis, a partir de um olhar interdisciplinar e dinâmico, permite entender as constantes mudanças, marcas e impressas na sociedade atual.

No contexto desta discussão reflexiva, faz sentido, a partir de um efeito multiplicador, investir na implementação da Pós-graduação em estudos juvenis encarando-a como um desafio de aproximação e de referência expressa à responsabilidade social da academia com a sociedade civil.

Referências Bibliográficas

AMIT, V. **Youth Culture, Anthropology**. In *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (16657-16660), Oxford: Pergamon, 2001.

BOURDIEU, P. **Le Sens Pratiques**. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.

BOURDIEU, P. **Questions de Sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

BUCHOLTZ, M. **Youth and Cultural Practice**. *Annual Review of Anthropology*, n.º 31, p. 525-552, 2002.

CRUZ, M.B.d. **A condição social da juventude portuguesa**. *Análise Social*, v. XX, n.º 81-82, p. 285-308, 1984.

DEBERT, G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDEUSP/FAPESP, 1999.

DURKIN, K. **Developmental social psychology: From infancy to old age**. Malden: Blackwell Publishing, 1995.

FERREIRA, V. S. (Org.). **Pesquisar Jovens: Caminhos e Desafios Metodológicos**. Lisboa: ICS, 2017.

FRITH, S. **The Sociology of Youth**. Lancashire: Causeway Press, 1984.

LARA, M. R. de. **Desafios metodológicos de pesquisa sobre jovens no Brasil contemporâneo**, *Ponto-e-Vírgula*, n.º 4, . 217-230, 2008.

LENOIR, Y. **Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável**. In Fazenda, I. C. A. (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. (45-75) Campinas: Papirus, 1998.

LEVI, G. & SCHMITT, J. C. (Org.). **História dos jovens 1. Da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

LEVI, G. & SCHMITT, J. C. (Org.). **História dos Jovens 2. A época contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

GALLAN, O. **Sociologie de la jeunesse : l'entrée dans la vie.** Paris: Armand Colin, 1991.

GOULÃO, F. **Ensinar e aprender a distância: algumas questões.** In *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques.* (p. 391-399) Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

HALBWACHS, M. **Classes sociales et morphologie.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.

MARGULIS, M. **Juventud: una aproximación conceptual.** In Burak, S. D. (Comp.) *Adolescência e juventude na América Latina.* (p. 41-56) Cartago, Costa Rica: Livro Universitário Regional, 2001.

PAIS, J.M. (1990). **A construção sociológica da juventude - alguns contributos.** *Análise Social 3ª série*, v. XXV, p. 139-165, 1990.

PAIS, J.M. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

RAMOS, D. **Aspectos pedagógicos e tecnológicos da concepção e desenvolvimento de propostas de Elearning.** *Colabor@ - Revista Digital da CVA – Ricesu*, v. 3, n.º 9, p. 1-13, 2005.

SZAPIRO, A. & RESENDE, C. **Juventude: Etapa da vida ou estilo de vida?** *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n.º 1, p. 43-49, 2010.

VILAVERDE CABRAL, M. **Gerações.** In CARDOSO, J.L.; MAGALHÃES, P. & PAIS, J.M. (Org.) *Portugal Social de A a Z – Temas em aberto.* Lisboa: Imprensa Publishing/Expresso, 2013.

Sobre as Autoras

	Cristina Pereira Vieira Doutorada em Sociologia é investigadora no CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos de Género /ISCSP-UL) e no CEMRI (Centro das Migrações e das Relações Interculturais /UAb). Docente da Universidade Aberta (UAb) desde 1999. Na qualidade de Professora Auxiliar, leciona em todos os ciclos de estudos (Licenciatura, Pós-Graduação; Mestrado e Doutoramento). Tem vindo a implementar novas áreas de aprendizagem, criando Unidades Curriculares sustentadas, entre outras, pelas áreas da sexualidade, género e jovens - desenvolvendo temáticas que nunca tinham sido abordadas na UAb. Tem vindo a exercer diferentes cargos de Coordenação e Vice-Coordenações, (atualmente é Coordenadora da Licenciatura em Ciências Sociais e Vice-Coordenadora na Pós-graduação Mediação de Conflitos. Integra diferentes grupos científicos nacionais e internacionais (entre outros: Grupo investigadores MEDUSA - Géneros en transición: masculinidades, afectos, cuerpos y tecnociência; a Comissão Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa em Saúde; o Grupo Internacional de Inovação em Educação Superior e a UMCLA (Unidade de Desenvolvimento dos Centros Locais de Aprendizagem - na UAb) e da ELO (Unidade Móvel de Investigação em Estudos do Local- na UAb).
	Susana Henriques Doutorada em Sociologia é investigadora no CIES-IUL (Centro de Investigação e Estudos em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa) e no LE@D (Laboratório de Educação e Distância e eLearning, UAb). É professora Auxiliar do Departamento de Educação a Distância e eLearning da Universidade Aberta (UAb), onde leciona em todos os ciclos de estudos (Licenciatura, Pós-Graduação; Mestrado e Doutoramento). Integra a UMCLA (Unidade de Desenvolvimento dos Centros Locais de Aprendizagem - na UAb) e a ELO (Unidade Móvel de Investigação em Estudos do Local- na UAb). As áreas de interesse na investigação são: Sociologia da educação e da comunicação - elearning, literacia mediática, liderança educacional; Sociologia dos consumos e das drogas e educação para a saúde; Metodologias de investigação. Recentemente concebeu e coordenou o curso de Especialização em Prevenção das Dependências e encontra-se a desenvolver a área da educação em saúde na UAb.

	Liana Abrao Romera Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas com Pós-Doutorado em Estudos del Ócio pela Universidad de Deusto Bilbao. Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo nos programas de graduação (Licenciatura e Bacharelado) e na pós-graduação. É formadora do programa PELC do Ministério do Esporte em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais. É membro representante da UFES na Rede de Pesquisa OTIUM (Rede Iberoamericana de Pesquisa em Estudos do Ócio). É membro da ABRAMD (Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas). Líder do Grupo de pesquisa Andaluz. Tem experiência nas áreas de Educação Física e Educação e desenvolve pesquisas sobre lazer, prevenção, drogas e juventude.
---	--

Revista EducaOnline Volume 13, Nº 1, Janeiro/Abril de 2019. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 27/02/2019. Aprovado para publicação em 01/03/2019.